

□ Tempo de leitura: 3 min.

[*\(continuação do artigo anterior\)*](#)

2. O que fazer amanhã

Caros jovens,

Vocês certamente estão se perguntando: o que faremos mais tarde, o que podemos esperar da vida? A que somos chamados? Essas são perguntas que todos se fazem, consciente ou inconscientemente. Talvez vocês conheçam a palavra vocação. Que palavra estranha: vocação! Se vocês preferirem, podemos falar sobre felicidade, o sentido da vida, a vontade de viver...

Vocação significa chamado. Quem está chamando? Essa é uma boa pergunta.

Talvez alguém que me ame. Cada um de nós tem sua própria vocação. A minha foi um pouco especial. Em minha terra natal, a Saboia, quando eu era pequeno, aos onze anos de idade, senti-me chamado a entregar-me a Deus a serviço de seu povo, mas meus pais, especialmente meu pai, tinham outros planos para mim, pois eu era o mais velho da família. Com o passar dos anos e durante os estudos que meu pai me mandou fazer em Paris, meu desejo crescia cada vez mais: gramática, literatura, filosofia, mas também equitação, esgrima, dança...

Aos 17 anos, tive uma crise. Eu estava indo bem nos estudos, mas meu coração não estava satisfeito. Eu estava procurando algo... Durante o carnaval de Paris, um colega me viu triste: “O que há de errado, você está doente? Vamos ver o carnaval!” “Mas eu não quero ver o carnaval”, respondi-lhe; “quero ver Deus!”.

Naquele ano, um famoso professor de Bíblia estava explicando o Cântico dos Cânticos. Fui ouvi-lo. Foi como um raio para mim. A Bíblia era uma história de amor. Eu havia encontrado Aquele que eu estava procurando! E com a ajuda de meu acompanhante espiritual, criei um pequeno regulamento para receber Jesus na Eucaristia sempre que possível.

Aos 20 anos de idade, uma nova e séria crise me atingiu. Eu estava convencido de que iria para o inferno, que seria condenado eternamente. O que mais me afligia, além, é claro, da privação da visão de Jesus, era a privação da visão de Maria. Esse pensamento me torturava: eu quase não comia mais, não dormia mais, tinha ficado todo amarelo! Minha oração era esta: “Senhor, eu sei que irei para o inferno, mas me dê pelo menos esta graça para que, quando eu estiver no inferno, eu possa continuar a amá-lo!” Depois de seis semanas de angústia, fui à igreja, diante do altar de Nossa Senhora, e rezei a ela com uma oração que começa: “Lembra-vos, ó Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que alguém, recorrendo ao vosso

patrocínio, implorando vosso auxílio e proteção, tenha sido abandonado por vós”. Depois disso, minha doença caiu por terra “como as escamas da lepra”. Eu estava curado!

Depois de Paris, meu pai me mandou para Pádua para estudar direito. Nesse meio tempo, continuei sofrendo com meu dilema vocacional: sentia que o chamado vinha de Deus e, ao mesmo tempo, devia obediência a meu pai, de acordo com o costume muito presente em minha época. Eu estava perplexo. Pedi conselhos aos meus acompanhantes, especialmente ao padre Antônio Possevino. Com sua ajuda e discernimento, escolhi algumas regras e exercícios para a vida espiritual e também para a vida em sociedade com companheiros e todos os tipos de pessoas. No final de meus estudos, fiz uma peregrinação a Loreto. Fiquei como que em êxtase – dizem meus companheiros – por meia hora na Santa Casa de Maria de Nazaré. Novamente confiei minha vocação e meu futuro à Mãe de Jesus. Nunca me arrependi de ter confiado totalmente nela.

Ao voltar para casa, aos 24 anos, conheci uma linda garota chamada Francisca. Gostei dela, mas gostei mais do meu projeto de vida. O que fazer? Não vou contar-lhes todos os detalhes da minha batalha aqui. Saibam apenas que, ao final, ousei pedir ao meu pai que me desse permissão para seguir meu sonho. Ele finalmente aceitou minha escolha, mas chorou.

Daquele momento em diante, minha vida mudou completamente. Antes, minha família e meus colegas de classe me viam todo concentrado em mim mesmo, preocupado, um pouco fechado. Então, de um momento para o outro, tudo foi colocado em movimento. Eu havia me tornado outro homem. Fui ordenado padre aos 26 anos de idade e imediatamente me lancei em minha missão. Não tinha mais dúvidas: Deus queria que eu seguisse esse caminho. Eu estava feliz.

Vocês podem pensar que minha vocação era uma vocação especial, embora eu lhes diga que também fui nomeado bispo de Genebra-Annecy aos 35 anos. Em meu ministério pastoral e de acompanhamento, sempre estive convencido e fui ensinado de que todo homem tem uma vocação. De fato, não se deveria dizer: todo mundo tem uma vocação, mas deve-se dizer: todo mundo é uma vocação, ou seja, uma pessoa que recebeu uma tarefa “providencial” neste mundo, em antecipação ao mundo futuro que nos foi prometido.

Escritório de Animação Vocacional

[\(continua\)](#)